

ORGANIZAÇÃO POLÍTICA DAS DISSIDÊNCIAS SEXUAIS E DE GÊNERO EM PERNAMBUCO: CONSTRUINDO MEMÓRIAS DA EXPERIÊNCIA DO GATHO

Émerson Silva Santos*

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo construir memórias das experiências do Grupo de Atuação Homossexual (GATHO) em Pernambuco, na década de 1980. Compreendendo memórias como um fenômeno construído coletivamente, conforme refletido por Michael Pollak, buscamos conferir visibilidade a experiências de organização política das dissidências sexuais e de gênero ainda pouco conhecidas no Brasil. Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório realizada a partir de dados de fontes bibliográficas, documentais e jornalísticas. Ao longo de sua trajetória, o GATHO protagonizou episódios importantes como a realização do Encontro de Grupos Homossexuais Organizados do Nordeste, em Recife, no ano de 1981. O Grupo pernambucano organizou ainda uma série de atividades que vão desde reuniões e palestras até bailes e blocos carnavalescos. É possível concluir que a realização de estudos a respeito das experiências de outros Grupos de militância que atuaram entre o fim dos anos 1970 e o início dos anos 1980, pode contribuir para uma compreensão mais ampliada do surgimento e da trajetória do Movimento LGBT no Brasil.

Palavras-Chave: GATHO. Gênero. Sexualidade. Memórias. Movimento LGBT.

ABSTRACT

This work aims to build memories of the experiences of the Homosexual Action Group (GATHO) in Pernambuco, in the 1980s. Understanding memories as a collectively constructed phenomenon, as reflected by Michael Pollak, we seek to give visibility to experiences of political organization of dissidents sexual and gender still little known in Brazil. In methodological terms, this is a qualitative research of exploratory nature carried out based on data from bibliographical, documentary and journalistic sources. Throughout its trajectory,

*Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (PPGCS/CH/UFCG). É autor do Livro *LGBTfobia na Educação e a Atuação da Gestão Escolar*. Membro do Grupo de Pesquisa *Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina* (UFPE) e do *DEVIRES - Grupo de Intervenção e Pesquisa sobre Corpos, Afectos e Políticas* (UFCG). E-mail: emersonssantos1@gmail.com.

GATHO starred in important episodes such as the Encounter of Organized Homosexual Groups of the Northeast, in Recife, in 1981. The Pernambuco Group also organized a series of activities ranging from meetings and lectures to balls and blocks carnival. It is possible to conclude that studies about the experiences of other militancy groups that worked between the end of the 1970s and the beginning of the 1980s, can contribute to a broader understanding of the emergence and trajectory of the LGBT Movement in Brazil.

Keywords: GATHO. Gender. Sexuality. Memoirs. LGBT Movement.

Introdução

A realização de pesquisas que envolvem sujeitos dissidentes dos padrões dominantes de corpo, gênero e sexualidade passou por muitas transformações nas últimas décadas. As primeiras investigações nessa direção, levadas a cabo por pesquisadores sociais, se depararam com um conjunto de obstáculos para acessar indivíduos que corriam sérios riscos ao revelar suas vivências afetivas e sexuais, podendo até ser enquadrados como criminosos. Esse quadro de grande estigmatização social foi sendo gradativamente modificado a partir do fortalecimento das lutas coletivas por liberdade e direitos. A alteração desse cenário tem possibilitado, sobretudo, a partir do século XXI, que pesquisadores acessem com relativa facilidade indivíduos que se identificam como membros da comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexos e outras expressões sexuais e de gênero (LGBT).

De acordo com Joshua Gamson (2006), a história da pesquisa social que se detém ao estudo das sexualidades mantém uma forte similaridade com as investigações sobre mulheres e grupos étnicos-raciais, como indígenas e negros. Essas investigações estão imbricadas com a política dos movimentos sociais dos grupos subalternos, mantendo certa cautela aos modos pelos quais a “ciência” tem sido utilizada contra populações marginalizadas, mostrando-se mais “confortável com as estratégias de pesquisa qualitativa - as quais, ao menos, parecem objetivar menos seus sujeitos, preocupar-se mais com a criação de significado cultural e político e com dar mais espaço às vozes e às experiências que foram suprimidas” (GAMSON, 2006, p. 346).

Nessa direção, é possível observar certa ampliação no número de investigações qualitativas que buscam evidenciar as memórias dos processos de organização política, reivindicação de

direitos e de luta contra as discriminações de sujeitos LGBT. Um exemplo disso é o livro “História do Movimento LGBT no Brasil”, organizado por James N. Green, Renan Quinalha, Marcio Caetano e Marisa Fernandes (2018). Em cerca de 30 capítulos elaborados por respeitados pesquisadores e ativistas, a obra explora questões como repressão sexual na ditadura militar, experiências de grupos de sociabilidade anteriores ao surgimento dos primeiros grupos de ativismo, as paradas do orgulho, conquistas políticas e outros elementos importantes na trajetória do movimento.

De acordo com Michael Pollak (1992), memórias não são um fenômeno individual, antes, se tratam de uma construção coletiva, submetida a flutuações e transformações em permanente disputa. Tal reflexão é de grande importância quando observamos as narrativas em torno do processo de surgimento do Movimento LGBTI no Brasil. Embora boa parte da produção acadêmica nas ciências sociais observe as experiências do Grupo Somos de São Paulo e do Triângulo Rosa do Rio de Janeiro para analisar esse processo, existiram outros grupos de militância homossexual¹ no nosso país entre o fim da década de 1970 e ao longo da década de 1980.

Eventualmente, grupos de militância que não tinham sua atuação localizada na região sudeste até são mencionados em algumas pesquisas, mas raramente são conduzidas análises a partir da trajetória dessas organizações. Observando essa lacuna, o presente artigo tem como objetivo construir memórias das experiências do Grupo de Atuação Homossexual (GATHO) em Pernambuco, na década de 1980.

Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório. Embora a experiência do Movimento Homossexual de Pernambuco tenha sido bastante relevante na década de 1980, conforme evidenciado ao longo deste artigo, persiste a ausência de estudos com essa delimitação empírica e temporal. Estudos nessa direção podem contribuir para uma compreensão mais ampliada do surgimento e da trajetória do Movimento LGBTI no Brasil, possibilitando leituras analíticas menos restritas às experiências dos Grupos de militância localizados em São Paulo e no Rio de Janeiro no final dos anos 1970 e ao longo de 1980.

As fontes de informação acessadas para construção da

¹ A expressão “Movimento Homossexual” era utilizada até o início dos anos 1990 no Brasil para nomear o conjunto das lutas contra discriminação por orientação sexual e/ou identidade de gênero. Por isso, em consonância com o período histórico analisado e com os materiais aqui tratados, utilizaremos essa expressão como sinônimo do que hoje nomeamos como “Movimento LGBTI”.

pesquisa que resultou neste trabalho podem ser classificadas em três grupos: (I) Bibliográficas: artigos, livros e dissertações; (II) Documentais: boletins informativos do GATHO, relatórios de encontros organizados pelo Grupo e discursos de seus membros; e (III) Jornalísticas: textos publicados na década de 1980 pelo Jornal Diário de Pernambuco que fazem menção ao GATHO².

Além dessa introdução e das considerações finais, o artigo está dividido em duas seções. A primeira trata do contexto das dissidências sexuais e de gênero em Pernambuco ao longo dos anos 1970, período exatamente anterior ao surgimento do GATHO, tido como primeira organização de militância homossexual no estado. Por sua vez, a segunda seção se detém justamente a construir memórias da experiência do Grupo a partir das fontes acessadas. Ao final, o conjunto de questões trazidas pelo presente trabalho também pretende lançar luzes e conferir maior visibilidade a trajetória do GATHO.

Dissidências de sexuais e de gênero em Pernambuco na década de 1970

O contexto social e político dos anos 1970 em Pernambuco ainda era de tensão, vigilância e repressão. Governadores biônicos filiados a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), “eleitos” pela Assembleia Legislativa, conduziam o estado seguindo a cartilha autoritária imposta pela Ditadura Militar (1964-1985). A última vez que os pernambucanos haviam eleito um governador através do voto popular havia sido em 1962, quando Miguel Arraes de Alencar, símbolo da emergência das forças políticas de esquerda no nordeste brasileiro, venceu as eleições. Com o Golpe Militar instaurado em 1º de abril 1964, Miguel Arraes foi preso na ilha de Fernando de Noronha, permanecendo em cárcere até 25 de maio de 1965, data em que conseguiu exilar-se na Argélia. Sinalizando aos opositores que a repressão seria ampliada, os Militares trataram de manter a perseguição. Mesmo no exílio, o então governador foi

² As matérias do Jornal Diário de Pernambuco citadas ao longo deste artigo foram coletadas pelos membros do Projeto de Pesquisa “Produções culturais em gênero, sexualidade e direito: agenciamentos possíveis em tempos adversos”, desenvolvido no âmbito do Núcleo de Pesquisa em Gênero e Masculinidades da Universidade Federal de Pernambuco (GEMA-UFPE), sob coordenação do Professor Dr. Benedito Medrado. Meus sinceros e afetuosos agradecimentos ao GEMA-UFPE e a todos integrantes do Projeto de Pesquisa na pessoa do Professor Dr. Benedito Medrado pela ampla disponibilização do material.

condenado à revelia pela Justiça brasileira pelo crime de “subversão”, em março de 1967, com pena de 23 anos de prisão. Miguel Arraes só retornaria ao estado em 1979, beneficiado pela Lei da Anistia no início do lento processo de abertura democrática.

Sob a égide do Ato Institucional nº 5 (AI-5), o início dos anos 1970 foi marcado por um conjunto de ações severamente inconstitucionais e antidemocráticas. Amparado pelo AI-5, o Presidente da República teve poderes para fechar o Congresso Nacional, Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais, instaurar a censura prévia, caçar os direitos políticos, suspender habeas corpus, intervir na condução administrativa de estados e municípios, entre outras arbitrariedades. Na dimensão sexo-gênero, as ações do Governo Militar incentivavam batidas policiais nos espaços de sociabilidade homoerótica e fortaleciam as narrativas morais dos discursos religiosos. As prescrições carentes de amparo científico dos discursos médicos para condenar e controlar as homossexualidades e as travestilidades também ganharam ainda mais espaço nesse período ditatorial (LOPES, 2016; QUINALHA, 2018).

Uma matéria publicada pelo Jornal Diário de Pernambuco em 24 de fevereiro de 1970 evidencia a perseguição promovida pelo Estado:

O delegado Fernando Albuquerque, do 2º distrito policial, fechou ontem em Santo Amaro uma residência, onde grande número de homossexuais se reuniam para a realização de bacanais. Somente duas bonecas foram presas e na delegacia negaram-se a fornecer o verdadeiro nome, ficando por isso no xadrez por mais de 72 horas (DIÁRIO DE PERNAMBUCO apud SILVA, 2011, p. 104).

No contexto pernambucano, a reiteração da heterossexualidade ocorria de diversas formas, inclusive através de perseguições. Nem mesmo no período carnavalesco, conhecido por maior liberdade, homossexuais e travestis passavam despercebidos. Publicada pelo Diário de Pernambuco em janeiro de 1970, a matéria intitulada “Travestis estão proibidos de brincar o Carnaval³” nos dá indícios do clima da época:

Os travestis, homossexuais e bêbados sofrerão severa repressão durante o carnaval, tanto por parte da Polícia Federal como da Polícia Estadual. Quer estejam provocando balbúrdia ou não, fazendo o passo ou mesmo observando quietinhos o movimento. Diz

³ Na época a identidade travesti estava associada ao gênero masculino.

o delegado de Polícia Federal que seu departamento não tolerará qualquer ato que atente contra a moral e os bons costumes da sociedade. [...] A decisão da Secretaria de Segurança Pública, entretanto, é um pouco mais rigorosa. Além de proibir a presença de travestis e bêbedos (promovendo desatinos ou não), serão recolhidos ao xadrez os homossexuais que estiverem ou não fazendo o passo durante o Carnaval (DIÁRIO DE PERNAMBUCO apud SILVA, 2011, p. 120).

Apesar do controle exercido pelos militares e por mecanismos como a heterossexualidade compulsória, houve espaço para subversão. Conforme já aprendemos com Foucault (2001), o poder está em toda parte e que lá onde há poder há resistência. A experiência de um grupo de artistas pernambucanos da década de 1970 evidencia bem isso. Trata-se do Grupo Teatral Vivencial *Diversiones*. Com muita irreverência, desbunde e transgressão, marcou a cena cultural pernambucana até meados dos anos 1980. De acordo com Matheus Santos (2018, p. 13), “a trupe, ativa oficialmente entre 1974 e 1983, ficou conhecida por uma estética tropicalista, pela sensualidade, pelas performances polêmicas – para público, imprensa e Estado [...] – e pela sexualidade desmesuradamente escancarada”.

Em 1979, após cinco anos de trabalho, poupando os recursos obtidos com suas apresentações, foi possível acumular fundos suficientes para erguer o Café Teatral Vivencial *Diversiones*. A sede do Grupo ocupava uma área de mangue, no complexo de salgadinho, área periférica de Olinda já próxima da fronteira com a cidade do Recife. O espaço foi muito frequentado e causou um verdadeiro rebuliço cultural no fim dos anos 1970 e início dos anos 1980.

Diante de toda essa efervescência político-cultural protagonizada pelo Vivencial *Diversiones*, o Movimento LGBT organizado em Pernambuco não poderia emergir em um lugar diferente que não a cidade de Olinda, sede da trupe. Foi justamente nesse município onde foi fundado o primeiro Grupo de militância homossexual pernambucana. Evidentemente que toda agitação provocada pelo Vivencial contribuiu para o surgimento do GATHO alguns poucos meses após a inauguração da sede do Grupo Teatral. Juntos, GATHO e Vivencial realizaram ações políticas pela via da cultura e da arte, a exemplo de um bloco carnavalesco. Juntamente com o espaço do Café Teatral Vivencial em Olinda⁴, havia outros espaços de sociabilidade das sexualidades dissidentes em

⁴ Citar o filme e os estudos sobre o vivencial.

Pernambuco na década de 1970. Nessa época a capital pernambucana figurava como um polo principal de interação homossexual no estado em virtude de uma maior permissividade aos desregramentos, pelos pontos de entretenimento e a possibilidade de anonimato. No Recife da década de 1970, três boates se destacam pela grande frequentação de homossexuais: “a *Misty*, também chamada de Mister situada na Rua do Riachuelo, próxima ao bar *Mustang*, a *Vogue* e a *Stok*, ambas instaladas no edifício Novo Recife, por trás do cinema São Luís, no Bairro da Boa Vista” (SILVA, 2011, p. 191). Os altos valores cobrados para entrar nas casas noturnas impossibilitava a presença de pessoas que não faziam parte da classe média. E mesmo quem possuía recursos para pagar a taxa de entrada, poderia enfrentar outras barreiras. Travestis que praticavam a prostituição eram frequentemente impedidas de acessar esses locais (SILVA, 2011).

Alguns bares também eram conhecidos pela presença de homossexuais. O *Mustang* se destacava neste circuito, localizado no Condomínio do Edifício Embaixador, esquina com a Avenida Conde da Boa Vista, no fim dos anos 1970 era conhecido como “Mustangay,” dada a grande frequentação do público homossexual masculino e feminino. Próximo a ele existia o Bar do Urso, com menor frequentação, mas com maior permissividade. Inclusive o aconselhado era deslocar-se do *Mustang* para o Urso assim que se encontrasse um parceiro, pois quem permanecia no ambiente mais frequentado poderia correr o risco de perder seu acompanhante para um novo flerte (SILVA, 2011).

Se no fim da década de 1970 já havia alguma tolerância para o funcionamento de boates e bares com grande frequentação do público homossexual, o mesmo ainda não havia sido conquistado por travestis que lidavam com dificuldades para circular em alguns espaços na capital pernambucana. Ser “boneca”, como também eram conhecidas, compreendia motivação suficiente para acabar sendo fichada pela polícia e passar a noite, ou algumas noites, em cárcere (SILVA, 2011). Expulsas de casa e com os vínculos familiares rompidos, boa parte das travestis da época tinham a prostituição como único meio de subsistência. Frequentemente associadas a marginalidade pelos noticiários, seus deslocamentos muitas vezes eram restritos ao período noturno em determinadas ruas e bares.

Os cinemas da cidade do Recife também foram outro espaço de intensas trocas homoeróticas na década de 1970. Localizados nos bairros São José, Santo Antonio e Boa Vista, em alguns horários

acabavam se tornando ambientes bastante propícios para homens interessados em rápidas atividades sexuais com outros homens. Em geral, o processo ocorria com certa convivência dos estabelecimentos que começavam a amargar um declínio financeiro em função do maior número de aparelhos de TV a cores nas residências. Assim, os cinemas também eram lugar de flerte e sussurros.

Não faltavam opções de salas de projeção mais ou menos ideais para o exercício da “pegação”. Existia, por exemplo, o cinema Trianon (o da foto acima), localizado na Avenida Guararapes, esquina com a Rua do Sol, em frente à Agência Central dos Correios; o cinema Moderno, localizado na Praça Floriano Peixoto, próximo a Estação Central do Metrô; o São Luís situado na Rua da Aurora e os cines duplex Ritz e Astor, localizados na Avenida Visconde de Suassuna, próximo ao Parque 13 de Maio (SILVA, 2011, p. 171).

Para além de Recife e Olinda, há registros de espaços de sociabilidade homossexual em outras cidades da Região Metropolitana do estado na década de 1970, a exemplo da “Noite da Metamorfose”. Realizada no município de Camaragibe, a festa teve boa parte de suas edições realizada na residência de Josenita Duda Caríaco⁵, ativista lésbica percussora do movimento organizado de mulheres em Pernambuco. No fim dos anos 70, Nita, como também era conhecida, abria as portas da sua casa para realização da famosa “Noite da Metamorfose” que contava com grande frequência de gays e lésbicas. De acordo com Lemos (2019), o espaço da festa também foi aproveitado para instalação de “grupos de vivências”, onde gays e lésbicas compartilhavam experiências de vida e fortaleciam suas identidades. Alguns anos mais tarde, esse processo resultou na fundação da Articulação e Movimento Homossexual de Recife e Região Metropolitana (AMHOR), segundo Grupo de Militância a se institucionalizar em Pernambuco. A “Noite da Metamorfose” revela que o contexto de sociabilidade das sexualidades dissidentes no Pernambuco dos anos 1970 estava para além dos espaços comerciais.

Todo processo não passou despercebido pelos veículos de

⁵ Josenita faleceu em 01 de março de 2020 aos 63 anos de idade. Esse acontecimento acabou repercutindo na imprensa pernambucana: <https://www.folhape.com.br/cultura/morre-a-ativista-e-agitadora-cultural-josenita-duda-ciriaco/132233/>. Acesso em: 15/02/2021.

imprensa da época. Programas de rádio, revistas e jornais impressos noticiavam frequentemente as novidades da cena homossexual pernambucana. Na segunda metade de 1979, o jornal vespertino Diário da Noite lançou a Coluna “Mundo Guei” que passou a publicar notícias da militância homossexual. A coluna também abria espaço para “os leitores mandarem poemas, histórias de vida, contos, fotos, sugestões de bares, cinemas, boates e espaços públicos da cidade frequentados por homossexuais (SILVA, 2011, p. 12)”.

A divulgação de notícias sobre o emergente movimento homossexual brasileiro e até de experiências de organizações em outros países, era um assunto recorrente na Coluna. Na sua dissertação de mestrado, Aina Carneiro B. Rodrigues (2016) mostra como a publicação ao mesmo tempo em que traçava os contornos do circuito de sociabilidade homossexual em Recife, também divulgava informações sobre ações de grupos de militância em diferentes localidades do mundo. Algumas das matérias faziam expressamente um chamado a organização política, a exemplo do texto intitulado “Cartas na Mesa” de Humberto Lelabel, publicado em 06 de outubro de 1979:

O momento exige uma tomada de posição. É inclusive, anti-histórico ficar alheio a todas as modificações que estão acontecendo no país e no mundo.

Aí eu me pergunto: e o gay onde fica nisso tudo? Será que vale a pena continuar se alienando a uma luta restrigente?

[...]

Acabar com a discriminação só será plausível quando a própria população gay esquecer a lenda da auto-suficiência e começar a se integrar, a assumir um papel digno de qualquer pessoa (LELAHEL apud RODRIGUES, 2016, p. 59).

Com pretensões ousadas para época, a Coluna buscava ampliar os debates sobre a homossexualidade e anunciava que seu objetivo era “ajudar as pessoas a conhecerem mais profundamente certos aspectos psicológicos, sociológicos e filosóficos do assunto” (DIÁRIO DA NOITE apud RODRIGUES, 2016, p. 14). Publicada inicialmente aos sábados, a “Mundo Guei” movimentava a subcultura homossexual da região metropolitana do Recife com uma série de questões até então nunca abordadas de tal maneira pela imprensa jornalística local. Para Rodrigues, “a coluna dedicou-se à criação de um estilo de vida que confere a homossexualidade um lugar central de debate; um conjunto de estratégias utilizadas com

vistas a reivindicar uma noção positiva da identidade guei, forma de resistência possível e viável historicamente” (2016, p. 62).

Em 08 de abril de 1980, a Coluna “Mundo Guei” publicou a matéria intitulada “Encontro Nacional”. Tratava-se de uma reportagem do I Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO), realizado em São Paulo na semana anterior, entre os dias 04 e 06 de abril⁶. Com uma extensão considerável, a matéria trouxe detalhes das discussões levantadas no 1º EBHO dando destaque aos debates sobre os processos de discriminação sofridos pela comunidade homossexual. De igual modo, o texto também destacava a importância da organização política de Grupos para construção do “Movimento Brasileiro de Homossexuais” que ficaria responsável por organizar a luta contra discriminação em todo o país.

Ao fim do mês de abril de 1980, o jornal Diário da Noite encerrou a publicação da “Mundo Guei”. Apesar do curto período de existência, apenas 7 meses, pode-se afirmar que Coluna contribuiu para o fortalecimento de um debate menos hostil e mais aberto ao tema da homossexualidade em Pernambuco. A publicação também teve um papel importante na divulgação da organização de Grupos homossexuais em outros estados do Brasil e até em outros países, compartilhando informações sobre as ações realizadas por meio de uma narrativa que apontava para a emergência de um novo cenário marcado pelo enfrentamento à discriminação. Algumas semanas após o encerramento da publicação da Coluna nas páginas do Diário da Noite ocorre a reunião de fundação do primeiro Grupo de militância homossexual politicamente organizada em Pernambuco, o GATHO, conforme será discutido a seguir.

Construindo memórias do Grupo de Atuação Homossexual (GATHO)

Conforme discutido nas páginas anteriores, ao longo dos anos 1970 houve um processo de ampliação da visibilidade das sexualidades dissidentes em Pernambuco. Apesar da repressão e perseguição do Estado através da polícia e da censura, o contexto era de grande efervescência cultural. Recife e Olinda concentravam boa parte dos espaços de circulação da comunidade homossexual na região metropolitana, contando com bares, boates, cinemas, saunas e outros estabelecimentos onde era possível conquistar

⁶ DIÁRIO DA NOITE apud RODRIGUES, 2016, p 68-69.

parceiros afetivo-sexuais, fazer novas amizades e se inteirar das últimas novidades do “universo homossexual”.

As duas cidades, Recife e Olinda também abrigavam diversos espaços de “pegação” onde era possível obter rápidas aventuras homoeróticas preservando o anonimato. Banheiros públicos, praças, ruas de circulação limitada e até pontos turísticos ficaram conhecidos como lugares possíveis para trocas sexuais efêmeras. Toda essa movimentação se constituiu como uma rica fonte para imprensa jornalística de Pernambuco que de forma recorrente produzia notícias sobre as sexualidades dissidentes, explorando os espaços de sociabilidade, os assassinatos homofóbicos, a formação de grupos de militância em diferentes localidades e os crimes cometidos por travestis e homossexuais, dando grande ênfase a este último tema.

É verdade que a experiência do Vivencial *Diversiones* com suas poderosas apresentações, atraindo um público numeroso e por vezes sofisticado, contribuiu para que o tema da homossexualidade, antes restrito as páginas policiais, passasse a figurar em cadernos culturais e outras áreas dos jornais. A criação da Coluna “Mundo Guei” no Jornal Diário da Noite, no fim da década de 1970, ilustra muito bem como o debate em torno da homossexualidade também passou a ser abordado de forma menos hostil pelos jornais em Pernambuco. Todavia, ainda prevalecia uma abordagem jornalística que predominantemente associava homossexualidade e travestilidade a criminalidade.

Essa perspectiva criminalizadora da imprensa para com as sexualidades dissidentes se constituiu como um dos fatores que motivaram a organização institucional da militância homossexual em Pernambuco através da fundação do GATHO. Vejamos abaixo um trecho extraído do Discurso de Jackson Cavalcanti Júnior, um dos membros do Grupo, por ocasião da homenagem realizada em 2010 pela Câmara Municipal de Olinda em celebração aos 30 anos de fundação da organização:

Há trinta anos surgia o Grupo de Atuação Homossexual, o GATHO, aqui em Olinda, no Centro de Cultura Professor Luiz Freire. Iniciando, efetivamente, numa reunião de quatro amigos, acontecida no dia 12 de maio de 1980: José de Albuquerque Porciúncula Filho – Zé Popó, Sávio Regueira, Rinaldo Pereira de Almeida e João Antônio Caldas Valença que, preocupados com os assassinatos de homossexuais do Recife: o do pianista do antigo Grande Hotel, Bamba; do bailarino Tony e do médico Marcos e, principalmente, com o tratamento dispensado pelos jornais do Recife na época

(CAVALCANTI JÚNIOR, 2010, s.p.)⁷.

Conforme expresso no Discurso, além das narrativas discriminatórias proferidas pelos jornais da época, os crimes de assassinatos de homossexuais se constituem um outro fator que contribuiu para o surgimento do GATHO. Com a ampliação dos debates a respeito da homossexualidade em Pernambuco nas décadas de 1970 e 1980, os diversos jornais da capital do estado passaram a publicar notícias de assassinatos onde a orientação sexual das vítimas figurava em destaque.

Os jornais de Pernambuco nos anos 1970/1980 dispensavam, na maioria das vezes, um tratamento indigno às vítimas de violência motivada por intolerância à diversidade sexual e de gênero. Em alguns casos, inclusive, era possível identificar uma certa celebração aos crimes cometidos, ainda que nas entrelinhas das reportagens. Os assassinatos e outras violências aconteciam não apenas em Recife, mas em diversos municípios da região metropolitana e até no interior do estado.

Na esteira desses acontecimentos, um grupo de quatro amigos homossexuais resolveram fundar uma organização de militância que apresentasse uma contraposição ao tratamento dispensado pela imprensa e ao mesmo tempo desse ênfase aos problemas da discriminação e da violência contra homossexuais em Pernambuco. Assim surgiu o GATHO que logo também se transformou num espaço de fortalecimento da identidade homossexual através do compartilhamento de vivências realizados pelos frequentadores das reuniões.

As queixas do Grupo contra as reportagens dos jornais pernambucanos eram constantes. O incômodo dos militantes com alguns jornalistas era tamanho que esse tema foi a pauta no primeiro Boletim publicado pela Organização:

Em maio de 1980, por ocasião dos assassinatos de Tony e Bamba, e devido à forma com que foi encarado o envolvimento de homossexuais em crimes de caráter passional, um grupo de homossexuais percebeu que já seria o momento de se organizar e reagir contra o tom pejorativo e sensacionalista dessas reportagens. Dentro desse contexto social, sabemos que os protagonistas da violência, na maioria das vezes, são heterossexuais.

⁷ O discurso na íntegra pode ser acessado no site do Fórum LGBT de Pernambuco: <http://flgbtpe.blogspot.com/2010/07/discurso-de-jackson-cavalcanti-junior.html>. Acesso em: 01/03/2021.

Não se justifica colocar a homossexualidade como responsável pela criação de assassinos em potencial. A nível da opinião pública a consequência é desastrosa. A tiragem diária dos jornais se alimenta do preconceito e discriminação a que estamos submetidos, vistos como pervertidos e figuras abomináveis pela moral e bons costumes da “nobre família brasileira” (GATHO, 1980a, p. 1, grifos do original)⁸.

Buscando ampliar ainda mais a existência do GATHO, seus militantes iniciaram a publicação de um Boletim Informativo⁹ em outubro de 1980 que continha informações do Grupo, suas ações e discussões que versavam sobre o debate a respeito da homossexualidade. A última página do Boletim Informativo N^o 1 do GATHO apresentava os objetivos do Grupo. É possível identificar a utilização do termo “homossexualismo”, apesar do mesmo determinar a existência de uma patologia de acordo com a classificação vigente da Organização Mundial de Saúde (OMS). Também é possível perceber o interesse por uma maior compreensão da homossexualidade. Essa discussão é particularmente relevante quando lembramos que na década de 1980 ainda havia grande predominância dos saberes médicos e jurídicos nos debates a respeito da homossexualidade.

OBJETIVOS DO GATHO

1. Juntar homossexuais femininos e masculinos, para a discussões dos problemas, vivências e experiências de cada um, com a finalidade de um maior conhecimento por parte de cada participante, do que é homossexualismo, suas formas de exteriorização, extensão da repressão social, conhecimento este que será fundamental na superação dos problemas individuais e coletivos.
2. Promover debates internos e públicos, com a finalidade de incentivar o debate sobre a livre sexualidade, e a problemática homossexual em particular.
3. Lutar por uma sociedade justa, sem repressão, discriminação ou exploração de qualquer tipo, entendendo que a repressão à sexualidade é marte de uma repressão maior que atinge à sociedade como um todo, não sendo aceitável portanto o isolamento de nossas lutas do conjunto das lutas sociais.
4. Evitar a discriminação entre os próprios homossexuais.
5. Incentivar a criação de novos grupos de homossexuais sempre na

⁸ GATHO - GRUPO DE ATUAÇÃO HOMOSSEXUAL. **Boletim Informativo do GATHO**. N. 1, out., 1980a, Olinda.

⁹Ao todo foram publicados 4 Boletins Informativos pelo GATHO entre outubro de 1980 e janeiro de 1981. Todas as edições estão disponíveis no seguinte site: <https://grupogatho.blogspot.com/>.

perspectiva de lutarmos juntos.

6. Manter contato com outros grupos homossexuais organizados, tanto a nível local, quanto nacional e internacional (GATHO, 1980a, p.3).

As reuniões do GATHO aconteciam na sede do Centro Cultural Luiz Freire (CCFL), localizada na Rua 27 de janeiro, Bairro do Carmo em Olinda. O CCFL é uma organização que atua no campo da defesa dos direitos humanos. Fundado em 1972 com o objetivo de contribuir com a restauração da democracia por meio do desenvolvimento de atividades culturais e projetos comunitários, o CCFL desempenhou um papel importante no surgimento do GATHO, na medida em que possibilitou ao Grupo ter um espaço com localização privilegiada e boa estrutura física para realização de suas reuniões¹⁰.

A estrutura do CCFL utilizada inicialmente para as reuniões do Grupo, geralmente realizadas aos sábados, posteriormente tornou-se o endereço oficial para as correspondências enviadas ao GATHO. O Centro também foi um espaço para realização de atividades de grande relevância no processo de emergência do Movimento LGBT no Brasil, a exemplo do EGHON. Realizado entre os dias 19 e 21 de abril de 1981 em Olinda e Recife, o Evento reuniu os seguintes Grupos de militância homossexual com atuação na região nordeste: GATHO de Olinda-Pernambuco, organizador do Encontro; GGB de Salvador-Bahia; Nós Também de João Pessoa-Paraíba; e DIALOGAY de Aracaju-Sergipe.

A realização do EGHON pelo GATHO em Olinda e Recife indica uma considerável capacidade organizativa do Grupo ao prover toda estrutura necessária para o Encontro que contou com cerca de 60 participantes, entre bissexuais, gays e lésbicas. Indica ainda a centralidade e o protagonismo do GATHO nesse período inicial de estruturação dos Grupos de Militância Homossexual no Nordeste. Ao mesmo tempo em que se tornaram referência, os militantes do Grupo pernambucano também buscaram ampliar suas redes de relacionamento no emergente Movimento Homossexual.

A programação do EGHON contou com diversas atividades. Os grupos de debates ocorreram no CCFL, tendo como principais temas: violência e discriminação contra homossexuais; misoginia e sexismo; preconceito entre homens e mulheres homossexuais; e o preconceito contra homossexuais negros. Os participantes também

¹⁰ O Centro Luiz Freire segue em atividade e em 2022 celebrará seu aniversário de 50 anos. Mais informações sobre a organização podem ser acessadas no seu site: <http://cclf.org.br/>. Acesso em: 05/03/2021.

discutiram longamente a respeito da discriminação realizada pelos meios de comunicação, explorando a homossexualidade quase sempre a partir de uma perspectiva preconceituosa e discriminatória (GATHO, 1981a)¹¹. O relatório final do encontro indica que as dificuldades enfrentadas pelo GATHO junto aos jornais pernambucanos também era vivenciada pelos outros Grupos do Nordeste em seus respectivos estados.

Entre os presentes no EGHON havia a preocupação de ampliar o número de organizações de militância homossexual na região e fortalecer relações com outros movimentos sociais. Vejamos um trecho do Relatório Final do Encontro:

Com o objetivo de ampliar nosso movimento na região conquistar novos espaços para a discussão da questão homossexual, resolvemos incentivar a criação de novos grupos nas demais cidades, ao mesmo tempo buscar um maior entrosamento e ação intergrupual, a edição da revista e promoção de debates e palestras sobre a questão homossexual.

É decisão e interesse do MH Nordeste fortalecer um maior relacionamento com outros grupos organizados, tais como os movimentos feminista, negro, de apoio ao índio, ecológico. Entendemos que a luta destes movimentos estão interligadas, assim como todas as lutas dos grupos oprimidos objetivam a erradicação do preconceito, da discriminação e buscam melhores condições de vida e uma sociedade igualitária. Pretendemos também com isso que a questão homossexual seja discutida e a luta pela liberdade sexual seja encampada por esses grupos, sendo intenção do MH Nordeste abrir um maior espaço de discussão sobre a mulher e o negro (GATHO, 1981a, p. 1).

Essas deliberações indicam o interesse dos Grupos do Nordeste em fortalecer o debate sobre os processos de preconceito vivenciados por homossexuais junto a outros Movimentos Sociais, a exemplo do Movimento Feminista e do Movimento Negro. Além da preocupação com as diversas discriminações que um indivíduo pode sofrer em função de marcadores sociais de sexualidade, raça e gênero, o interesse em uma maior aproximação com outros Movimentos também pode ser lido como uma estratégia para ampliar a visibilidade dos debates em torno da homossexualidade em um período onde essa discussão ainda estava restrita a uma parcela bastante reduzida da sociedade.

¹¹ GATHO - GRUPO DE ATUAÇÃO HOMOSSEXUAL. **1º Encontro de Grupos Homossexuais Organizados do NE**. GATHO: Olinda, 1981a.

A plenária de encerramento do EGHON realizada no Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) deliberou ainda pela realização de uma segunda edição do Encontro no período da Semana Santa do ano seguinte; a criação da Revista Bichana – Revista do Movimento Homossexual Nordestino; e a participação de todos os Grupos presentes na 33ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada em julho de 1981 na cidade de Salvador, como forma de ampliar a divulgação da organização do Movimento Homossexual no Brasil (GATHO, 1981a).

As propostas de realização de uma segunda edição do EGHON e da criação Revista Bichana nunca saíram do papel. Por outro lado, a participação na 33ª Reunião Anual da SBPC rendeu grande visibilidade. Vejamos o trecho abaixo sobre a participação das organizações do MHB no evento:

Julho foi aquele arraso na reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, no Campus da UFBA: rodamos de tal modo a baiana que um jornal de Salvador traduziu SBPC como sendo *Sociedade das Bichas Procurando Cartaz!* Cá estiveram representantes dos grupos Daialogay/Se, Nós Também/Pb, Gatho/Pe, Facção Homossexual da Convergência Socialista/Sp, Grupo de Ação Lésbico-feminista/Sp (Rosely Roth), Somos/Rj, Auê/Rj. O Outra Coisa/Sp mandou-nos telegrama e o Somos/Sp enviou “Carta Aberta à SBPC”. Nossas atividades mereceram reportagem em todos os principais jornais de Norte a Sul inclusive notas e fotos (a cores!) na *Veja, Istoé e Visão*. Fizemos um ato público num circo/auditório, com mais de 1.000 pessoas, com a presença de Abdias Nascimento; a “barraca gay” foi o ponto mais badalado e concorrido de toda a reunião: aí furamos mais de 60 orelhas de homens que aderiram à nova moda introduzida pelos gays estimulando homem também a usar brinco como contestação da rígida divisão dos sexos [...] (MOTT, 2018, p. 215-216, grifos do original).

Planejada no EGHON, a espetaculosa participação na 32ª Reunião Anual da SBPC atraiu os olhares da imprensa nacional e rendeu considerável visibilidade sobretudo pelo questionamento das normas de gênero. Situação semelhante ocorreu durante o próprio EGHON, quando os participantes do Encontro decidiram realizar uma passeata nas ruas do sítio histórico de Olinda com palavras de ordem nada convencionais para uma manifestação de um Movimento Social. Além de bradar em alto e bom som “gay unido, jamais será vencido!”, um grupo com cerca de 60 bissexuais, gays e lésbicas fez ecoar as seguintes frases pelas ladeiras de Olinda:

Au, au, au, é legal ser homossexual.
Éte, éte, éte, é gostoso ser gilete.
Ado, ado, ado, ser viado não é pecado.
U, u, u, é gostoso dar o cu.
Ona, ona, ona, é legal ser sapatona.
O coito anal derruba o capital (MACRAE, 2018 [1982], p. 38, grifos do original).

O EGHON se constituiu como um momento bastante singular no contexto dos primeiros anos do então Movimento Homossexual no nosso país. Em um período onde o que estava em jogo era a própria constituição da identidade do Movimento, o Encontro dos Grupos do Nordeste construiu uma agenda política de reivindicações, defendeu a aproximação com outros Movimentos Sociais, deliberou agendas importantes para os anos seguintes, como a participação na 32ª Reunião Anual da SBPC, e aproximou os Grupos de Militância da região, fomentando também a fundação de novas organizações. O encerramento do Encontro ocorreu na famosa Boate *Misty*, com direito a intervenções e manifestações dos militantes no palco do estabelecimento, ampliando a divulgação da luta contra discriminação contra homossexuais no Nordeste para todos ali presentes.

Responsável pela organização, estrutura (alojamento, alimentação, materiais, etc.), construção da programação de atividades e elaboração do relatório final do EGHON, o GATHO impressionou pela sua capacidade organizativa e de relacionamento com outros Movimentos Sociais, instituições e organizações que colaboraram com o evento, oferecendo a estrutura necessária para sua realização. Através da organização do Encontro de Grupos do Nordeste em Pernambuco, os militantes do GATHO prestaram relevante contribuição para consolidação da formação do Movimento LGBT no Brasil.

Além de sediar boa parte das atividades do EGHON, o prédio do CCFL abrigava diversas atividades realizadas pelo GATHO, sobretudo debates temáticos e reuniões. Entre outubro e novembro de 1980 o Grupo promoveu um intenso debate sobre a experiência homossexual. Novamente se faz necessário recordar que nesse período havia grande predominância dos saberes médicos e jurídicos no debate sobre a homossexualidade. Estudos publicados na década de 1930, que apontavam a experiência homossexual como patológica, ainda subsidiavam as discussões sobre esse tema na imprensa jornalística, em filmes e até mesmo em cursos

universitários¹². Nesse contexto, era de grande relevância para o Movimento Homossexual formular uma compreensão a respeito da homossexualidade para se contrapor aos discursos então hegemônicos nesse campo.

O debate promovido pelo GATHO foi sintetizado no texto “Homossexualidade Latente e Consciência Homossexual”, publicado no Boletim Nº 2 do Grupo, sendo um dos destaques na capa do informativo. Sintetizando as discussões que emergiram no debate, o texto chama atenção para o permanente controle realizado pelas instituições sociais sobre a sexualidade: “vimos a família, à escola, a religião, enfim, todo meio ambiente, como células de repressão à nossa sexualidade. Elas nos puxavam as orelhas quando deixávamos transparecer as nossas tendências, pois íamos e vamos de encontro ao célebre conceito de “perpetuação” da espécie” (GATHO, 1980b, p.1, grifos do original)¹³. Essas reflexões realizadas pelos militantes do GATHO hoje são compreendidas como resultados da operação da heterossexualidade compulsória e da cisheteronormatividade, que agem para deslegitimar, punir e corrigir qualquer àqueles que não atendem padrão de sexualidade heterossexual.

Os militantes do GATHO mantiveram participação frequente nos debates sobre sexualidade promovidos por outras instituições, sobretudo por universidades¹⁴. Todavia, a militância do GATHO não ficou restrita a realização de eventos formais como encontros, debates e palestras. Eventos culturais que traziam visibilidade a questão homossexual atraíam um público que nem sempre era alcançado através das atividades mais formais. Exemplo disso são as prévias carnavalescas anunciadas na capa do Boletim Nº 4 do Grupo¹⁵.

Realizado em 12 de fevereiro de 1981, o primeiro evento foi a noite “Gatho de Bothas” na Boate *Misty*, em Recife. A segunda prévia, denominada de “Gatho e Sapatho”, foi realizada na sexta-feira da semana seguinte (20/02/1981) e teve lugar no Café Teatral

¹² Ver o capítulo 3 “Controle e cura: reações médico-legais” da obra “Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do Século XX”. P. 199-259. (GREEN, 2009 [1990]).

¹³ GATHO - GRUPO DE ATUAÇÃO HOMOSSEXUAL. **Boletim Informativo do GATHO**. N. 2, nov., 1980b, Olinda.

¹⁴ Os boletins do GATHO registram participação em debates sobre sexualidade na UFPE e na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

¹⁵ GATHO - GRUPO DE ATUAÇÃO HOMOSSEXUAL. **Boletim Informativo do GATHO**. N.4, jan., 1981b, Olinda.

Vivencial Diversiones, em Olinda. Há registros também de um bloco carnavalesco criado pelo Grupo, o “Gatho da Madrugada” que desfiliou nas ladeiras de Olinda no sábado e na terça-feira do carnaval de 1981 com direito a estandarte, fantasias e até um hino¹⁶:

O investimento dos militantes do GATHO na promoção de ações mais lúdicas, no campo da arte, como os eventos no período de carnaval aponta para uma compreensão mais alargada do que deveria ser a militância homossexual por parte do Grupo. Interessante notar a existência de uma certa interlocução, ou no mínimo parceria, entre o GATHO e o Vivencial Diversiones, este último conhecido por seus espetáculos provocantes, questionando os papéis sexuais e de gênero a partir de encenações nada convencionais. Nesse sentido, é possível identificar na experiência do GATHO a dimensão do “artivismo”, nos termos discutidos por Colling (2018). Essa dimensão se confirma ainda mais quando observado o formato dos Boletins publicados pelo Grupo que combinava relatos de reuniões, de promoção de debates e de participação em encontros com poemas, poesias e outros pequenos textos com linguagem poética.

Ainda no contexto das prévias carnavalescas organizadas pelo Grupo pernambucano chama atenção o nome dado ao evento realizado junto ao Vivencial Diversiones, o “Gatho e Sapatho”, numa explícita referência a homossexualidade feminina. Isso porque o GATHO era composto por homens homossexuais, não existindo registro de mulheres lésbicas, bissexuais ou travestis entre o quadro de membros da organização. Os fatores que levaram a essa presença exclusiva de homens no Grupo ainda não foram explorados e podem ser objeto de futuras investigações. Apesar da ausência de mulheres entre os integrantes do GATHO, havia uma aproximação com o Movimento Feminista conforme registro do Boletim Nº 2 que noticiou a realização de um “Debate Aberto sobre Sexualidade”, em novembro de 1980, promovido pelo Grupo Homossexual e as Organizações feministas “Ação Mulher, Brasil Mulher e Mulher do Nordeste” (GATHO, 1980b, p. 3). Em um período onde o número de Grupo Homossexuais era limitado, o processo de aproximação com outros Movimentos Sociais (Feminista, Negro, Estudantil, etc.) possibilitava a ampliação da

¹⁶ Fonte: Diário de Pernambuco. **Olinda entra no oitavo dia de carnaval**. Recife, ano 156, n. 58, 28 fev. Carnaval, p. A-11. Recuperado de: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_16&Pesq=gatho&pagfis=23064. Acesso em 05/04/2021.

visibilidade das lutas contra discriminação motivada por intolerância à diversidade sexual e de gênero.

Nessa direção, também havia iniciativas por parte dos militantes do GATHO em estabelecer maior integração entre as organizações do MHB. Além de organizar o EGHON, o Grupo pernambucano participou de reuniões e encontros do MHB em diferentes estados, entre eles Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo. Buscando ampliar sua agenda de interlocutores, houve um investimento na troca de correspondências com militantes de outros países.

Além da correspondência nacional, o GATHO está mantendo vastos contatos com grupos internacionais de homossexuais, entre eles, o NVIH-COC de Amsterdam, o Jornal “Le GaiPied” da França, o CUARH, também da França e o Grupo “Paz y Liberacion” de Hollywood, com trocas de informações a todos os níveis (GATHO, 1981b, p.2, grifos do original)¹⁷.

Por intermédio do GATHO, Pernambuco foi um dos estados que recebeu, em setembro de 1981, a visita do dinamarquês Tjerk Van Den Berg, membro do *Landsforeningen for BøsserogLesbiske, Forbundetaf 1948*, um Grupo de Militância Homossexual da Dinamarca conhecido na época por “*Forbundetaf 1948*”. Tjerk veio acompanhar de perto a situação dos homossexuais brasileiros no contexto do processo de abertura democrática e as dificuldades enfrentadas¹⁸. No mês de julho de 1985 o GATHO recebeu a visita de outro militante do exterior, dessa vez o Grupo recepcionou em sua sede o norte-americano Winston Leyland¹⁹, então Presidente da International Gay Association, atualmente denominada pela sigla

¹⁷ GRUPO DE ATUAÇÃO HOMOSSEXUAL. **Boletim Informativo do GATHO**. N. 3, dez., 1981b, Olinda.

¹⁸ Fonte: Diário de Pernambuco. **Gay internacional vem para debate hoje no Varadouro**. Recife, ano 156, n. 147, 12 set. 1981, Geral, p. A-7. Recuperado de: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_16&pesq=%22grupo%20de%20atua%C3%A7%C3%A3o%20homossexual%22&pasta=ano%20198&pagfis=33112. Acesso: 06/04/2021.

¹⁹ Fonte: CRAVEIRO, Paulo Fernando. Ativismo Gay. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 160, n. 191, 13 jul. 1985, Opinião, p. A-7. Recuperado de: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_16&pesq=%22grupo%20de%20atua%C3%A7%C3%A3o%20homossexual%22&pasta=ano%20198&pagfis=91319. Acesso em: 10/04/2021.

ILGA WORD²⁰. A presença de lideranças do Movimento Homossexual Internacional em Pernambuco ao longo da década de 1980 é outro indicativo da relevância do GATHO na militância brasileira da época e da solidez de suas conexões e intercâmbio de informações com organizações de outros países.

Os militantes do GATHO privilegiaram ainda uma permanente troca de correspondências com organizações que construíam a Militância Homossexual em diversos estados brasileiros. Esse diálogo resultou em um processo de mútua influência tendo o Grupo pernambucano inspirado algumas ações e, ao mesmo tempo, tomado decisões a partir do relato das experiências de outras organizações. A adoção de medidas para o registro formal do GATHO é resultado disso. Observando as experiências do GGB e do Grupo Triângulo Rosa, os militantes pernambucanos iniciaram os trabalhos de oficialização do GATHO enquanto pessoa jurídica. Conforme apontam Simões e Facchini (2009), no Brasil, o GGB foi pioneiro ao obter o registro como sociedade civil sem fins lucrativos na condição de agremiação de homossexuais, em janeiro de 1983. Cerca de dois anos depois, em fevereiro de 1985, o Grupo Triângulo Rosa do Rio de Janeiro também obteve a concretização do seu registro. Caminhando nessa mesma direção, o GATHO realizou uma série de reuniões para construção do seu Estatuto, algumas delas divulgadas pela imprensa local²¹.

Após uma série de debates e impasses entre os membros do Grupo, o extrato do Estatuto do GATHO foi publicado no Diário Oficial de Pernambuco na data de 09 de novembro de 1985 (Figura 4). Tendo a sua diretoria composta pelos cargos de Presidente, Secretário e Tesoureiro, sede registrada no endereço do CCFL, na cidade de Olinda, o extrato do Estatuto foi assinado pelo Militante Jackson Cavalcanti Júnior na condição de Presidente do Grupo, formalizando-o enquanto uma associação civil sem fins lucrativos. O processo de registro provocou algumas tensões internas no GATHO que a partir do final de 1985, com a sua formalização, passou a se

²⁰ Fundada em 1978, atualmente possui a seguinte denominação Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Intersexos (ILGA WORD). Para mais informações, ver: <https://ilga.org/>. Acesso em: 10/04/2021.

²¹ “A quem interessar possa: reúne-se hoje à noite no Centro Luiz Freire de Olinda, o Grupo de Atuação Homossexual. Na pauta dos debates estão os estatutos da instituição”. Fonte: CRAVEIRO, Paulo Fernando. GATHO. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 160, n. 157, 09jun. 1985, Opinião, p. A-11. Recuperado de: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_16&pesq=%22grupo%20de%20atua%C3%A7%C3%A3o%20homossexual%22&pasta=ano%20198&pagf1s=91319. Acesso em: 10/04/2021.

reunir em períodos irregulares, tendo seus militantes se dispersado totalmente no início dos anos 1990.

Considerações Finais

Fundado para se contrapor ao discurso discriminatório de setores da imprensa e para chamar atenção para os casos de assassinatos contra homossexuais em Pernambuco, ao longo de sua trajetória o GATHO realizou uma série de reuniões, campanhas, eventos, palestras, encontros e outras ações que não foram totalmente exploradas aqui. O presente trabalho se trata mais de um exercício inicial de construção de memórias que o encerramento das investigações a respeito das experiências do Grupo pernambucano.

Ao longo deste artigo buscamos construir memórias das experiências do GATHO em Pernambuco, na década de 1980. Como foi possível observar ao longo do texto, o Grupo protagonizou alguns episódios importantes do nascente Movimento LGBT brasileiro, a exemplo da realização de eventos regionais como o EGHON, reunindo Organizações de militância homossexual de diversos estados da região nordeste. O Encontro Regional acabou se desdobrando em outros momentos marcantes das lutas por respeito à diversidade sexual e de gênero e contribuiu para o fortalecimento do movimento e para o surgimento de outros Grupos de militância na região.

O GATHO também se destacou pela sua presença constante nos Encontros do então Movimento Homossexual realizados ao longo dos anos 1980, trocas de correspondências e manutenção de comunicação com Grupos Homossexuais de outros países, presença em debates públicos sobre sexualidade e realização de ações de militância a partir de linguagens lúdicas, a exemplo de bailes e blocos carnavalescos.

A ampliação de investigações que explorem as experiências das diversas organizações de militância homossexual que existiram no nosso país entre o fim dos anos 1970 e o início dos anos 1990 é fundamental para uma compreensão mais ampliada do surgimento e da trajetória do Movimento LGBT no Brasil. Esperamos que o exercício realizado aqui neste trabalho inspire outros pesquisadores a desenvolverem iniciativas nessa direção.

Referências

CAVALCANTI JÚNIOR, Jackson. Discurso de Jackson Cavalcanti Junior em homenagem ao GATHO, 23 de julho de 2010 - Câmara de Olinda. Disponível em: <http://flgtp.e.blogspot.com/2010/07/discurso-de-jackson-cavalcanti-junior.html>. Acesso em: 01/03/2021.

COLLING, Leandro. A emergência dos artivismos das dissidências sexuais e de gêneros no Brasil da atualidade. **Sala Preta**, v. 18, n. 1, p. 152-167, 2018.

Diário de Pernambuco. **Olinda entra no oitavo dia de carnaval**. Recife, ano 156, n. 58, 28 fev. Carnaval, p. A-11. Recuperado de: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_16&Pesq=gatho&pagfis=23064. Acesso em 05/04/2021.

Diário de Pernambuco. **Gay internacional vem para debate hoje no Varadouro**. Recife, ano 156, n. 147, 12 set. de 1981, Geral, p. A-7. Recuperado de: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_16&pesq=%22grupo%20de%20atua%C3%A7%C3%A3o%20homossexual%22&pasta=ano%20198&pagfis=33112. Acesso: 06/04/2021.

CRAVEIRO, Paulo Fernando. Ativismo Gay. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 160, n. 191, 13 jul. 1985, Opinião, p. A-7. Recuperado de: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_16&pesq=%22grupo%20de%20atua%C3%A7%C3%A3o%20homossexual%22&pasta=ano%20198&pagfis=91319. Acesso em: 10/04/2021.

CRAVEIRO, Paulo Fernando. GATHO. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 160, n. 157, 09jun. 1985, Opinião, p. A-11. Recuperado de: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_16&pesq=%22grupo%20de%20atua%C3%A7%C3%A3o%20homossexual%22&pasta=ano%20198&pagfis=91319. Acesso em: 10/04/2021.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

GAMSON, Joshua. As sexualidades, a teoria queer e a pesquisa qualitativa. DENZIN, Norman K. et al. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006. cap. 12, p. 345-362.

GATHO - GRUPO DE ATUAÇÃO HOMOSSEXUAL. **Boletim Informativo do GATHO**. N. 1, out., 1980a, Olinda.

GATHO - GRUPO DE ATUAÇÃO HOMOSSEXUAL. **Boletim Informativo do GATHO**. N. 2, nov., 1980b, Olinda.

GATHO - GRUPO DE ATUAÇÃO HOMOSSEXUAL. **1º Encontro de Grupos Homossexuais Organizados do NE**. GATHO: Olinda, 1981a.

GATHO - GRUPO DE ATUAÇÃO HOMOSSEXUAL. **Boletim Informativo do GATHO**. N. 4, jan., 1981b, Olinda.

GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Márcio; FERNANDES, Marisa. **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.

LE MOS, Ana Carla da Silva. **Movimentos de lésbicas de Pernambuco**: uma etnografia lésbica feminista. 2019. 611 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

LOPES, Fabio Henrique. Travestilidades e ditadura civil-militar brasileira: apontamentos de uma pesquisa. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 23, n. 35, p. 145-167, set. 2016, p. 145-167.

MACRAE, Edward. **A Construção da Igualdade**: política e identidade homossexual no Brasil da “Abertura”. Salvador: EDUFBA, 2018 [1990].

MOTT, Luiz. O imprescindível GGB, Grupo Gay da Bahia. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Márcio; FERNANDES, Marisa. **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018. cap. 11, p. 211-226.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

QUINALHA, Renan. Uma ditadura hetero-militar: notas sobre a política sexual do regime autoritário brasileiro. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Márcio; FERNANDES, Marisa. **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018. cap. 1, p. 15-38.

RODRIGUES, Aida Carneiro Barbosa. “**Mundo Guei**”: produção caleidoscópica de homossexualidades em um dispositivo jornalístico. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SANTOS, Mateus Melo dos. **Bocas que beijam, bocas que falam**: Grupo de Teatro Vivencial e masculinidades em Recife e Olinda (1974-1983). 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SILVA, Sandro José da. **Quando Ser Gay Era Uma Novidade**: Aspectos da homossexualidade masculina na cidade do Recife na década de 1970. 2011. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional) – Departamento de Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.